

MEMÓRIA: MULTIPLICIDADE E PERMANÊNCIA

Lourival Holanda

Doutor em Letras

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

As mudanças tecnológicas provocaram um grande impacto nas concepções de memória, documentação, arquivamento e de criação. A disseminação da informação por meios digitais também suscitou a busca por um coeficiente de confiabilidade das fontes. Tudo concebido como rearranjo singular de um material disponível no ciberespaço. Novos conceitos foram construídos para a nova formatação dos saberes.

Palavras-chave: Informação e inovação tecnológica. Documentação e memória. Memória e difusão da informação.

*Where is the life we have lost in living?
Where is the wisdom we have lost in knowledge?
Where is the knowledge we have lost in information?*

T.S. Eliot. Choruses from The Rock. 1934

A vertiginosa velocidade das mudanças tecnológicas provocou um grande impacto nas concepções de memória, documentação, arquivamento e de criação – concebida como rearranjo singular de um material disponível – no ciberespaço. O conceito de gestão da memória cultural resiste ao atual processo de reorganização na esfera pública virtual? Sobretudo porque os processos de retenção de memória têm sido eminentemente sociais. Alguns temem que a documentação perca sua “autoridade” – a relevância que até então marcou sua presença norteadora no corpo social. A enxurrada de material, entre documentos, fotos e textos que a mídia eletrônica propicia estaria desvalorizando o valor simbólico anterior que capitalizava, através de um dado lugar de memória, um certo sentido social. A questão, logo no início da disseminação da informação nos meios digitais, era saber o coeficiente de confiabilidade das fontes. A revista *Nature* publica em 2006 uma pesquisa comparada para ver a confiabilidade entre verbetes da *Wikipedia* e da *Britannica* com um resultado desconcertante: há um número de erros quase igual em ambas as enciclopédias; no entanto os erros eventuais levam a busca de confirmações – que por sua vez funcionam como os atratores estranhos, para dizer com os Físicos: os momentos de memória se articulam de modo dinâmico e imprevisível; daí a distinção que, a partir de Marcel Proust, fez Walter Benjamin, entre a fixidez da lembrança e a dinâmica da memória involuntária; torna-se cada vez mais difícil dispor de um material de memória numa só ordenação, sobretudo em meio digital. Isso diminui a redundância que advém de toda seriação.

A redundância que resulta da ordenação cede o passo à imprevisibilidade; (e há redundância porque se evita perturbações ao modelo de memória previamente estabelecido); mais próxima, portanto, da descoberta e da criação, a imprevisibilidade pode ser mais fecunda. Assim a organização do arquivo agora se acelera e enriquece de possibilidades. Cada elemento de memória faz pesar

como um atrator estranho, levando a ligações insuspeitadas entre sistemas aparentemente caóticos, seguindo o físico Mitchell Feigenbaum. As buscas evoluem independentes do ponto de partida do pesquisador. Assim um número maior de memória pode ser visitado. Como um cartulário visto em sentido social inverso: já o lugar de titulações e privilégios de nobrezas se abre em serviço, ao acesso de todos. O saber patrimonial se torna mais facilmente partilha, no ciberespaço.

Antes da avalanche digital o modelo de memória era o monumento, a ruína, o códice, o texto. Um texto, enquanto um documento elevado a monumento, servia de base agregadora da cultura – especialmente evidente nas culturas judaica, islâmica e cristã. Por isso chamamos as religiões do livro, as *religiões da recordação*.

A memória no modelo das comemorações litúrgicas, memória cíclica, cede seu peso na cultura contemporânea em prol de uma memória laica, mais leve e mais marcadamente assíncrona. Mas há perdas aqui. É preocupação de alguns pesquisadores que trabalham com o registro da informação (DODEBEI; GONDAR, 2005). A partilha de páginas pessoais na Internet, e desde 1994, coletivizadas, guardava ainda a pretensão de arranjo formal diferenciado, que demarcava a memória individual? Os *blogs*, disseminados a partir de 1997, num código que faz a junção (se não a função) de crônica e de diário, dificilmente substituem a deficiência do apoio das políticas públicas no financiamento dos espaços de memória até então inéditos; mas há uma mudança considerável já na ideia mesmo de memória. A memória no mundo digital é individual e pública, simultaneamente. As fotos no *Flickr*, os documentos disseminados no *Google*, os vídeos no *Dailymotion* – e tudo entregue à lógica de um mercado possível. Daí a proliferação dos grupos de disseminação e de troca, os bancos de dados, os *blogs*, enfim, a distribuição de informação e a divulgação de um material cada vez mais posto a serviço de um número de usuários cada vez maior. No processo de seleção de tal memória estão os algoritmos do *Facebook*: eles que nos lembram o aniversário dos amigos mais próximos; ou que a máquina supõe assim pela frequência de acessos.

As redes sociais provocam uma proliferação de modos de memória. A reação a novos modos de memorização vem de longe: já o *Fedro* de Platão apontava o impasse na resistência de Thamus, o rei egípcio, à novidade da escrita que trazia Thot, o inventor das letras. No século XVIII, Bernardin de Saint Pierre dizia: “O que eu ponho no papel, eu o retiro da memória; conseqüentemente, eu o esqueço”. No século XXI o filósofo da ciência Michel Serres responde apostando na tecnologia: se confio minha memória ao computador, deixo na mente livre o espaço para criar. Os modos de busca, a recorrência dos sites, reenviando uns aos outros como complementação, tudo estende uma vasta rede de processos mnemônicos multiplicadores que cada qual estoca e deixa à disposição. A memória fica contígua, adjacente; nem sequer atrás: ao lado – à altura de um toque no teclado. Essa possibilidade de redistribuição rápida e universal é a verdadeira novidade; não são as redes a verdadeira – elas já existiam no mundo grego (que, através de espelhos, enviava mensagens rápidas em códigos,) e entre os romanos (já nas guerras púnicas se comunicavam a grandes distâncias; as mensagens informavam Aníbal, que se comunicava com Cartago; e sobretudo no tempo em que Adriano riscou uma rede de estradas no império). O mundo riscado em redes não é novidade. A verdadeira novidade vem do desfazimento da territorialidade: a memória, em sua função arquivística, já não fica mais confinada apenas a um espaço; os dispositivos informacionais fundiram o tempo longo da cultura ao tempo curto, se não vertiginoso, das tecnologias. A novidade está na forma assíncrona e multidirecional que o suporte permite à memória (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 37). Se já há menos lugares específicos de memória, socialmente instituídos, é porque os meios de memória são superabundantes.

As mutações nos processos de transmissão de memória levam a crer que a memória é menos um sistema de signos e mais um sistema de inscrição de marcas que indiciam um tempo e um espaço – e

só então se articulam enquanto uma prática significativa. As marcas de memória externa, sobretudo, a impressa pesou na cultura enquanto o lugar de um controle social. O discurso oficial do poder fornecia ídolos a venerar e inimigos a execrar. O Estado, as escolas, a mídia, as associações criam uma memória que as agregue e guarde os valores que creem precisar preservar. Memória oficial é sempre a imagem que uma sociedade quer dar de si mesma. No século XIV o imperador asteca Itzcoatl destruiu as estelas, as colunas com as inscrições memoriais, e os livros; ele inaugurava um tempo novo. Um século depois, já nem precisava: chegavam os espanhóis. Um império se monta sobre o que desmonta da memória anterior. Na contramão disso, a luminosa resistência de Primo Levi: a miséria absoluta dos campos de concentração baixava condição humana a nível antes impensado; o mínimo que ainda havia de humano em cada qual, já se esvaía; e Primo Levi repete versos da *Divina Comédia*, como um exorcismo contra a barbárie abissal – eles já quase esqueciam que ainda eram humanos; é quando a marca da memória é um refúgio.

Tal disseminação afeta o tradicional conceito de memória enquanto elemento agregador? Talvez se possam pensar três momentos da Ciência da Informação: a) o de modelo classificatório, custodialista e de regulação de uma área de saber; b) o da produção e conceituação mais cientificizante, desde o começo do século XX; c) o da assunção de modelo de CI na encruzilhada das ciências contemporâneas, quando as novas ferramentas operaram a reviravolta nos conceitos de arquivamento, tempo, espaço, e memória cultural. No primeiro momento a memória é tida como um capital civilizacional. No segundo, as tecnologias estendem a memória corporal: deter um material de memória; do que está à mão, às redes; questão de escala. No terceiro momento, a nova gestão do material de memória se dá na circulação e na partilha. A arquivística contemporânea se vê confrontada a novos desafios. De Hilary Jenkinson, nos primeiros manuais de administração de arquivos, a Pollak (1992), entre a reverência à memória e a reviravolta nos meios de preservação documental, o enquadramento de memória arquivística digital pede rapidez de processamento e juízo crítico nas avaliações do material a ser processado, armazenado e disseminado. Na prática, cada qual crê arquivar o que guarda nos celulares, nos *smartphones*, nos *tablets*. A diferença com o trato da memória anterior é flagrante: os arquivos clássicos trabalhavam com unidades longas de memória; agora parece que a escala muda consideravelmente, quase se atomiza mesmo. O *Twitter* não acolhe memória longa, as redes sociais trazem restrições na guarda do documento *in extenso*.

O profissional gestor de memória pode ser uma referência estabelecendo algum critério que impeça à profusão de ser apenas caótica; (aqui no mal sentido corrente; no sentido da Física contemporânea um elemento encontrado por acaso, e cujo início nos escapa, pode gerar todo um quadro imprevisto: a criação; o arquivista vive a dinâmica da imprevisibilidade, da possibilidade de um lance de luz nova sobre o fato). Mas agora a questão é de descobrir ou escolher como matriz de memória para gerar e consequentemente gerir o material acumulado. Foucault, como Marcos Galindo (2009), parece ter uma concepção bastante larga do que é cultura – portanto, digno de memória: a massa de coisas ditas por uma cultura, conservadas, valorizadas, reutilizadas, repetidas e transformadas. Enfim, toda essa massa verbal que os homens fabricaram, onde investiram suas técnicas e instituições, e que é tecida com sua existência e história, dizia Foucault em um dos seus cursos. Se Galindo vai na mesma direção é por ter querido resgatar a arte dos grafiteiros nas ruas do Recife – arte efêmera, e expressão autêntica de um dado momento da cultura urbana. O conceito de memória – o que é memorável? – pode deixar um pouco perplexo o historiador e o arquivista contemporâneos: as ideias correntes parecem suprimir o critério de hierarquização e triagem no material documental. Tudo é passível de classificação, de datação, de designação. Antes, memorável era algo com capacidade de representação de uma camada social; (a questão é: quem aqui detém o poder de arbitrar?). Mas, como diz Emmanuel Hoog (2009), se tudo é memória, nada é memória.

O conceito de memória muda desde a formatação do saber em *enciclopédia eletrônica*, lançado pela *Microsoft*, em 1986 em Seattle. A ideia de acumulação de partilha de um saber toma uma configuração notável: é uma reedição do projeto enciclopédico do Século XVIII. Mesmo o Memex, o projeto de Vannevar Bush aperfeiçoa um procedimento que já prefigura o contemporâneo; que está além do sistema de indexação; já aqui uma reserva de dados, um inventário, chama à invenção: pede ou possibilita os *links* de onde advém o surgimento ininterrupto da novidade improvável. No ciberespaço isso supõe um trabalho coletivo, como aquele, e fica aberto aos links possíveis, como um inventário permanente de saberes cumulativos.

Na verdade, na cultura da memória tanto importa ver a manutenção das tradições, das comemorações, quanto o suporte e o modo que possibilita essa manutenção. Os sistemas de arquivamento mental dos contadores de história, na tradição africana – difícil dizer que havia apenas imobilidade na transmissão da memória oral: ela também sofria as contingências de sua historicidade mais imediata; as festividades em torno do herói nacional. Aqui como ali uma técnica para a organização e transmissão de um material de memória, agregador e vital – mas sempre uma construção, pelo que se crê ser digno de memória. Portanto, alguém assume o arbítrio da valoração. O empreendimento de reter o evento para dele fazer memória, criando laços, estabelecendo um antes e um depois, é sobretudo uma exigência de tornar inteligível o acontecer humano. Datar é dar ao fato uma cor, distingui-lo do transcorrer cego; torná-lo histórico é uma rede lógica de entendimento sobre aquilo que, sem a memória, seria apenas contingência e nulidade.

O saber contemporâneo é cada vez mais feito de permutas, de trocas. A construção da memória no espaço virtual se vê assim alargada em sua concepção de tempo: o contemporâneo aponta para o simultaneísmo; também o espaço: qual a realidade física de um *e-mail*? E o veículo: antes, a linguagem, agora multilinguagens, códigos. O primado da letra cede à profusão da imagem; trânsito cultural da logoesfera à videoesfera. A reviravolta ocorrida desde a popularização dos recursos eletrônicos é semelhante à da transição do oral ao escrito; mudança na possibilidade dos procedimentos mnemônicos. Portanto, aqui já se abdicou da pretensão tipicamente do 18 de querer abarcar todo o saber metaforizado na figura geométrica do *cycho*; o homem contemporâneo foi levado a ser mais modesto ante a avalanche de descobertas diurnas e da complexidade e da mobilidade do real científico.

Os mais novos aceitam sem dificuldade a perda da segurança pelo ganho da liberdade na pesquisa. E a antiga encyclopédia se torna uma clicopédia. O saber configurado na memória – a do PC, que porque numérica, um código, volta sempre a mesma; a do indivíduo, porque uma linguagem, podendo ser ressignificada – flui entre o que é consensualmente consabido e as lacunas que acompanham o processo do saber; já apontadas por Farradane (1980, p. 79). Essas lacunas é que dão espaço aos possíveis; nisso a postura diante da memória difere: ela já não fica fixa, presa a um suporte, mas aberta, alargada em links. Muda aqui a atitude: a função policesca de controle de um saber, da administração de uma disciplina ainda remanescente numa concepção custodialista, agora, abre-se em tentativa de sondar, averiguar, informar, mostrar, relatar – e sobretudo, de pôr a serviço (a informação) sem que no entanto o novo gestor se reduza à subserviência, à sujeição de mero intermediário (LÓPEZ YEPES, 1995). Também a excessiva superstição da referência, do controle da nota de rodapé, desaparece com a presteza do *Google*. Talvez a melhor imagem venha da mecânica dos fluidos onde tudo circula: líquidos, gás, moléculas, sinais elétricos. Aqui o saber se mantém *porque* circula.

No espaço virtual a memória se anima; memória em movimento. À lógica custodialista sucede o cuidado na preservação pela disseminação, pela distribuição virtual do material, como tem enfatizado Marcos Galindo, desde a criação pioneira do *Virtus*, no Departamento de Ciência da Informação da UFPE. Cedo ele entendeu que o suporte analógico padece um desgaste incontornável, mas que a

a memória nos meios digitais deixa a possibilidade de se multiplicar sem alteração. Um escambo de outra natureza: alguém me envia uma informação de passagem aérea, mando em troca um poema sobre a arte de viajar – e, enquanto mando, mantenho ainda o poema comigo. Escambo dentro de outra lógica de trocas sinalizando inovação tanto na tecnologia quanto no comércio entre os relacionamentos. Enquanto a memória, porque disseminada, melhor resiste.

Por essa evidência o pensamento de Wersig, é verdade que de 1975, parece fragrantemente defasado: não cabe mais a analogia do sistema de pesquisa em CI com o sistema econômico, no modelo clássico de produção-distribuição-consumo. Os bens consumidos não se esgotam nem desgastam; estarão lá, para futuras pesquisas queousem reordená-las a modo de fazer ressurgir delas um lance novo, imprevisto, no conhecimento. Esse, o sentido rico do étimo: *inventio* – fazer surgir do embaralhamento das cartas o que já estava aí; por isso a pesquisa é de fato uma moral da atenção a um inventário que permite a invenção.

A memória de um saber se define, sobretudo, num incessante processo relacional. Então, apesar de toda empolgação com as ferramentas digitais, nada de fundamentalmente novo. Diderot e d’Alembert não pensam apenas em enumerar artigos, mas querem ligá-los num modelo topológico. Eles pensam a possibilidade de, no interior mesmo dos artigos tratados, criar ligações auxiliares, entre uma ciência e outra. Os enciclopedistas, portanto, não estão atrás dos teóricos modernos, como Rainer Kuhlen (1995) – ele iria repetir isso quando de sua palestra no Instituto Goethe de São Paulo, em 2005: *information is knowledge in action* – na ideia deles já subjaz a concepção de memória em movimento; de um saber, só aparentemente ali fixado. Há aqui continuidade – com a depuração do processo favorecido pelos novos meios. De Vannevar Bush à memória nos *Iphones*, questão de escala. Os lugares de memórias se tornaram literalmente mais móveis: o *móBILE* – o celular, o *tablet*, o *smartphone*.

A concepção anterior de lugar de memória subentendia uma topografia: um museu, uma igreja, um arquivo público ocupavam na configuração da cidade um dado espaço/lugar tendo uma finalidade ou uma função bem precisas. Esse conjunto produzia sobretudo uma força simbólica agregadora. Certo, isso subentende ver que, antes das normas classificatórias, há que ver as bases epistemológicas que as sustém; toda operação de seleção de memória implica numa teleologia do valor; desde o étimo – o termo *krinós*, de onde vem a crítica, já quer dizer: eu escolho. A unidade de formação memorial está sedimentada numa relação de anterioridade. O suporte digital permite estocar, fragmenatar, subdividir, embaralhar, retomar e transmitir elementos de memória – que tende a tornar-se numa espécie de fluido em movimento: sempre se acrescenta algo de redescoberta recente. Isso pode ser inquietante para o pesquisador atual; no plano da cultura, no entanto, o grave seria a aposta total no imediato; com sacrifício do que o antecede e dá sentido.

O lugar de memória era uma topografia fixa: pedia da comunidade uma constante resposta agregadora. As mídias de agora dispensam a fixidez, e se libertam do condicionamento dos lugares de memória. Bom exemplo disso pode ser o site de Nelson Motta sobre a memória em torno de Tim Maia: *Vale Tudo* (MOTA, 2007). O *site* reanima o livro: ali as pessoas podem ouvir todas as músicas das quais se falou na biografia, em versão original; com espaço para completar o álbum de foto, caso alguém detenha ainda algum material que queira partilhar. Estamos diante de um outro processo de memória – memória “aberta”; e inconclusa, pela própria natureza do meio. Mais uma vez, a novidade: tudo fica acessível a todos (MOLES, 1984, p. 40). Os *tablets* carregam nossos arquivos, arquivam nossa memória, memorizam nossas documentações.

O conceito de memória perde seu peso de fatalidade, e assume a plasticidade que permite permuta, rearranjos e novas organizações que a tornem mais operatória. Riscos: tal estratégia enfrenta escolhas; isso subentende esquecimentos; e quando voluntário o esquecimento gera

remorsos, o recalque leva a neuroses. A memória que se partilha na Internet, no *Twitter* e demais meios congêneres resulta de uma busca de momentos eufóricos, uma seleção circunstancial. Certo: os novos suportes privilegiam a espetacularização do imediato, e isso num fluxo acelerado que tende tudo converter em sucessão de coisas efêmeras. Os rápidos *MSN* dificilmente se pretendem memoráveis. Colocar as últimas fotos de um evento, de um casamento glamoroso, tudo ajuda a vender o momento, a visibilidade, os lugares: a grande indústria da memória não pode parar. Essa memória, por ser demasiado maleável, fica paradoxalmente votada ao esquecimento.

Uma atitude totalmente diversa da memória oficial, estatal – que cria ídolos, garantindo assim um certo controle e gestão da memória pública. No seu apego doentio ao passado, o neurótico cria um monumento – esse peso o prende, sempre: daí o sintoma. “Para trás, não há paz” (ROSA, 1994, p. 35). A escrita memorialística é um modo de busca, de exploração, de interrogação. A reviravolta nos procedimentos de manutenção de memória pede outro procedimento analítico; ainda respondendo a voto antigo de Foucault (1969, p. 13), que via a função da história no questionamento do documento. A sociedade volta ao passado proposto para avaliar e assim aclarar as possibilidades do presente. “Só que uma pergunta, em hora, às vezes, clareia razão de paz” (ROSA, 1994, p.10). O trabalho poético também consiste em levantar um monumento à memória (*re-cor/dar*: dar de novo ao coração). No entanto, pela linguagem o novo gestor da memória opera ali uma superação dos impasses do imaginário consensual, através da “forma” – que então, permite partir de uma experiência singular, para uma abertura de sentidos. O que caracteriza a operação de memória no espaço virtual é a maleabilidade na distribuição dos fatos de memória permitindo escapar à fatalidade de um destino na abertura de possibilidades. Certamente porque a garantia de continuidade da memória está menos na fixação de um lugar – escola, biblioteca, museu – mas, sobretudo na migração de suportes digitais. O internauta radicaliza a experiência de busca de superação dos limites de tempo e espaço na apreensão dos momentos de rememoração; era já um *desideratum* leibniziano (*Ars combinatoria*, 1666) o de poder estar em todos os tempos nas diversas ordens do evento.

É pela reserva de memória que uma sociedade repropõe assim o sonho social. Uma sociedade precisa de seus espaços de memórias (claro: incluem-se aqui os grandes textos, os grandes romancistas, as ruínas): para impedir a esclerose do corpo social. Um grande escritor é o repositório privilegiado da emanção memorial de sua época; e, simultaneamente, seu adversário crítico, se pensarmos com Dostoiévski que somos livres enquanto pudermos dizer não à resignação à realidade do apenas *havido*; há a imantação do que *poderia haver*. Se uma sociedade se resigna, seja a de dimensão grupal, seja a nacional, sem mais a energia que emana da memória retrabalhada, que assim a impulsiona, pode cair no momento de marasmo, de desencanto, análogo aos “buracos negros” da Física: bebendo a vontade de vida, devorando a luz e a matéria que foi sua substância, deixando exangue o que foi, antes, a cultura, para dar lugar, pelo excesso de consumo, a um triste tédio – que é avesso do trágico; sobretudo na concepção grega onde Nietzsche vê o que o trágico traz de tônico.

O desafio do gestor documental é o de deixar uma memória ativa. Sobretudo quando uma espécie de entropia moral se alarga e a besteira ganha globalmente – porque custa menos. As fotos, os documentos e os textos sem qualquer cuidado de critério pululam nos blogs, nas páginas da Internet, no *Twitter*, nos *sites*. Tal democratização da expressão é seguramente salutar. O risco é de ser uma memória *light*, dessorada, sem energia social e sem impacto de certos projetos anteriores, como até então foi – fermento de redefinições sociais. Ou seja: de ser a mera expressão de si, emoções sem o filtro de qualquer exigência – nos levem a redefinir a função da memória pela expressão pretérita, mais que por sua função simbólica. Antes, ela fez refletir, enquanto refletia a realidade. É possível que a quase total liberdade virtual não sirva enquanto modelo de *ars memorandi* – que implica seleção, restrições de desafios a serem vencidos na configuração de um projeto. Isso, para não cair nas obviedades sem transcendência social e apontar a ausência de qualquer rigor no norteamento requerido ontem pela narração memorialística da cultura.

Hoje importa saber se a enxurrada de informações não opera de modo perverso na desmemória coletiva contemporânea. É preciso, em tempos difíceis, preservar, mesmo nos meios digitais, lugares de troca de experiências de memórias enquanto um sinal de *sentido* (na dupla acepção: de direção e de razão), de guardião das senhas da esperança: “Avareza ou zelo da memória que, mesmo na adversidade, guarda em seus alforjes, todo grão de bonança”. (LINS, 2003, p. 175). Ao novo gestor nem cabe apontar caminhos ou trazer lições, mas seguindo Vannevar Bush, desde a concepção do *Memex*, colocar a serviço da criação potencial – que pode derivar do maior número de informação. (COADIC, 2004). Antes, o presente requer do gestor da informação que resista à paulatina degradação da memória em insignificância; sobretudo, ao desgaste da memória contemporânea atropelada pela velocidade estonteante das informações sem filtro; e através da preservação e recuperação da rica complexidade experiencial dos povos é possível fazer da memória uma moeda forte na encruzilhada de trocas culturais.

REFERÊNCIAS

- BACHIMONT, Bruno. Du texte à l'hypotexte: les parcours de la mémoire documentaire. *Technologie, Idéologies, Pratiques* (TIP), Aix-en-Provence, número spécial: Mémoires collectives, 1999.
- DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- FARRADANE, J. Knowledge, information and Information Science. *Journal of Information Science*, London, v. 2, 1980.
- FEIGENBAUM, Mitchell. Disponível em: <<http://www-history.mcs.st-andrews.ac.uk/Mathematicians/Feigenbaum.html>>. Acesso em: 14 maio 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. Tomo 1.
- GALINDO, Marcos; CARDOZO, M. J.; PRUDÊNCIO, R. B. P.; BARROS, F. A. Gerenciamento e interoperabilidade entre bibliotecas digitais. In: SALCEDO, Diego A.; OLIVEIRA, Maria Cristina Guimarães; OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira (Orgs.). *Construção, práticas e identidade da Ciência da Informação*. Recife: Nectar, 2009.
- GOODY, Jack. *La raison graphique*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.
- HOOG, Emmanuel. *Mémoire, année zero*. Paris: Ed. Seuil, 2009.
- KUHLEN, Rainer. *Informationsmarkt: Chancen und Risiken der Kommerzialisierung von Wissen*. Konstanz: Universitätsverlag Konstanz, 1995.
- LE COADIC, Yves-François. *A Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LEIBNIZ, G.W. *Disputatio de arte combinatoria*. Ed. Gerhardt: Philosophische Schriften, Hildesheim, Nueva York: Georg Olms Verlag, vol. IV, 1978, p. 27-104.
- LEROI-GOURHAN, André. *Le geste et la parole*. Paris: Albin-Michel, 1965.
- LINS, Osman. Retábulo de Santa Joana Carolina. In: NITRINI, Sandra. *Melhores contos de Osman Lins*. São Paulo: Global, 2003.
- LÓPEZ YEPES, José. *La documentación como disciplina: teoría y historia*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1995.
- MOLES, Abraham. Sistemas de mídia e sistemas educativos. In: _____. *A educação pela mídia*. Paris: Unesco, 1984.
- MOTTA, Nelson. *Vale tudo*. São Paulo: Objetiva, 2007.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992.

RIBEIRO, Fernanda. *Gestão da informação: preservação da memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário?* Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8861.PDF>>. Acesso em: 14 maio 2012.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

SHORT, E. *The historian and the computer*. New Jersey: Prentice Hall, 1971.

SILVA, Armando Malheiro da. *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. *Das “ciências” documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

STIEGLER, Bernard. *La technique et le temps*. Paris: Galilée, 1994-1998.